

Para Malan, avaliação de Barro não é séria

por Vera Saavedra Durão
do Rio

"Dizer que o Real não é sério é não fazer uma crítica séria", disse o ministro da Fazenda, Pedro Malan, rebatendo as críticas do economista americano Robert J. Barro, publicadas ontem na Gazeta Mercantil. Malan deu entrevista após a abertura do 14º Encontro Latino Americano da Sociedade de Econometria, que está sendo realizado no Rio.

Demonstrando uma certa irritação, o ministro chegou mesmo a admitir que lhe "causa espécie" estes alertas de que o Brasil vai acabar como o México, numa alusão direta a outro crítico contundente do Real, o economista Rudiger Dornbusch.

Em seu diagnóstico da economia brasileira, Malan apontou o déficit público como seu principal desafio e avisou: "Não precisamos que ninguém de fora venha nos dizer isto". O cenário macroeconômico desenhado por Malan é dos mais favoráveis. O ministro trabalha com um quadro de retomada do crescimento em 1997, com o Produto Interno Bruto (PIB) crescendo 3% a 3,5% neste ano e a inflação fechando em 13%. O déficit em conta corrente não deverá ultrapassar 2,8% do PIB e o País receberá cerca de US\$ 7,5 bilhões em investimentos diretos até dezembro.

Durante sua palestra – feita em inglês por exigência dos organizadores –, para uma platéia de economistas nacionais e estrangeiros, Malan aprovei-



Pedro Malan

to para denunciar a postura dos economistas acadêmicos que criticam o óbvio e não fazem o País andar.

"Não precisamos do alerta de ninguém, pois sabemos o que deve ser feito, só que não podemos impor nosso desejo, pois vivemos numa democracia e não numa ditadura militar", declarou. E citou Mário Henrique Simonsen e Albert Fishlow como exemplos de economistas que fazem críticas para o País "avançar".

Malan disse que há muita diferença entre criticar e tocar a economia no dia-a-dia. "Os acadêmicos desconhecem as dificuldades de gerir a economia de um País como o Brasil que durante 30 anos teve inflação alta e viveu o fenômeno da indexação. A indexação evitou a dolarização na economia brasileira, mas alimentou uma inflação crônica que atingiu até 1.000% no início dos anos 90", disse. Por isso, a prioridade do governo é manter

a inflação em queda, com crescimento econômico.

A expansão prevista por Malan para a economia não alcançará ainda o nível esperado de 6% a 7%, patamar necessário para a economia voltar a gerar emprego. "Não podemos crescer acima de 4% a 4,5%, pois não nos interessa ter uma bolha de crescimento que não se sustentará", alertou o ministro.

Para ter um desenvolvimento sustentado, o Brasil terá de resolver o problema do déficit público. Segundo Malan, esta solução passa no curto prazo pela ampliação do programa de privatização nas esferas estadual e municipal, reformas administrativa, tributária e da Previdência. "A mudança na seguridade social pode levar de um a dois anos, mas ela será inevitável", disse Malan.

A área social foi apontada pelo ministro como outro desafio do governo Fernando Henrique. "Tenho vergonha de ser brasileiro ao verificar que a taxa média de escolaridade de nossa força de trabalho é de quatro anos", contou Malan. Neste sentido, apontou a educação como um desafio básico fundamental para o País.

O ministro destacou a educação como prioritária e por isso discorda daqueles que acusam o governo de estar "protegendo banqueiro". As providências oficiais para proteger o sistema financeiro são necessárias a seu ver, porque um banco não trabalha com dinheiro do banqueiro, mas de terceiros, pessoa física e empresas.



Robert J. Barro

"Nossa função é evitar o efeito em cadeia da quebra de um grande banco sobre a sociedade e estamos procurando fazê-lo com menor trauma possível". O ministro considera que o pior da crise do sistema financeiro já passou e que em breve o governo vai editar uma Medida Provisória para capitalizar os bancos estaduais. A tendência do siste-

ma bancário atual é de redução com os bancos moldando-se a um cenário de inflação baixa.

Ao falar sobre as mudanças na Argentina, que a seu ver não representam riscos para o Brasil, Malan denunciou operadores no mercado futuro que se aproveitaram da troca de ministro no país vizinho para especular com o câmbio. "É uma irresponsabilidade divulgar rumores de mudança do câmbio na Argentina. Isto só interessa a quem quer gerar volatilidade. Felizmente foi uma bolhazinha especulativa que já acabou", disse.

O ministro aproveitou o mote do câmbio para garantir que a situação das contas externas vai bem e que, neste ano, o País deve fechar com um déficit em conta corrente de 2,8% do PIB, financiado em 40% por investimentos produtivos. "Estamos esperando que neste ano entre US\$ 7,5 bilhões em investimentos diretos no Brasil".